

OS TRABALHADORES MOVIMENTAM A [NA] CIDADE: MEMÓRIAS, LUTAS E TRAJETÓRIAS

Valéria de Jesus Leite¹

GT: GLOBALIZAÇÃO, RELAÇÕES POLÍTICAS E TRABALHADORES: CONJECTURAS
E PROCESSO HISTÓRICO

Resumo: Esta comunicação tem como objetivo discutir o meu projeto de doutorado apresentado à Linha de Pesquisa Trabalho e Movimentos Sociais do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia. O projeto tem como objetivo os trabalhadores da cidade de Montes Claros, suas memórias, lutas e trajetórias na constituição da cidade, principalmente à partir das comunidades eclesiais de base e associações de bairro.

Pensar as relações conflituosas que se forjaram no embate e na luta por direitos, significa fazer escolhas e escolhas políticas que evidenciam o nosso posicionamento diante da sociedade. Por isso propomos discutir os trabalhadores, suas memórias, lutas e trajetórias, na cidade de Montes Claros/MG, ocupando outros espaços que não o da simples deferência, para não correr o risco de assumir o discurso que se formou na historiografia, para não encobrir as memórias dissidentes.

A memória social é uma experiência humana, portanto, é “um campo de luta política, (...) no qual esforços de ocultação e de clarificação estão presentes na disputa entre sujeitos históricos diversos, produtores de diferentes versões, interpretações, valores e práticas culturais (FENELON; PEIXOTO. 2005, p. 12)”. Escolher trabalhar nesta perspectiva é dotar de sentidos outras memórias que não a oficial. É buscar no processo memórias que foram subsumidas pelas práticas hegemônicas. É trazer à tona memórias dissidentes e alternativas, com vistas a lutar por uma sociedade mais justa e mais humana. O meu objetivo com este projeto é pensar outros sujeitos históricos na conformação da cidade de Montes Claros. Longe de ser complacente ou de querer dar voz aos sujeitos relegados pela historiografia, pois entendo que o processo histórico se faz na relação entre sujeitos múltiplos e com interesses vários, com embates, conflitos e

¹ Doutoranda em História Social, na Universidade Federal de Uberlândia. Email: lela.leite@yahoo.com.br.

tensões, nem sempre evidentes. E descortinar conflitos e embates faz parte do ofício do historiador.

Portanto, o que queremos nessa pesquisa é compreender como esses sujeitos estavam se organizando e pressionando por melhorias na cidade, sobretudo a partir da última metade do século XX. Pensar dessa forma significa perceber a organicidade e a vitalidade de experiências sociais que, além de propor melhorias, propunha também outro projeto de sociedade.

Poucos trabalhos falaram das pessoas comuns de Montes Claros e região. Talvez porque a sua história tenha sido escrita, quase sempre, por membros de uma elite que quando volta seus olhos para os trabalhadores, seus modos de vida, de trabalho, sua cultura, ou ele se torna algo exótico, ou é simplesmente taxado de “marginal”. E nas poucas vezes que o mencionaram elegeram um espaço para suas ações. Sua “organização” e “mobilização” foram vistas somente no campo das “relações políticas”, da deferência, dos pedidos (CARDOSO JUNIOR, 2008).² Para além desses projetos, sempre contemplados pelas pesquisas, há que se considerar outros momentos permeados pelas lutas, pelo lúdico, pela religiosidade, pelos embates, pelos enfrentamentos que não estão presentes somente no campo designado como político. Aqui cabe também problematizar a própria ideia do que é político. Acredito que política está para além da questão partidária e das eleições; envolve questões mais amplas como a forma como a sociedade é pensada e organizada.

Foram nos anos compreendidos entre 1960 e 1980 que entrou em vigor o projeto do governo federal, através da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste – Sudene, entidade especialmente criada para dirimir a desigualdade social e equiparar o Nordeste ao Centro-Sul do Brasil. Montes Claros e a região Norte de Minas, foram incluídas na área mineira do nordeste, por apresentar condições climáticas e indicadores sociais e econômicos semelhantes aos do Nordeste. O projeto viabilizou o investimento do capital do centro-sul na cidade e com o correr dos anos Montes Claros

² Este trabalho recua um pouco mais na história e busca compreender as transformações ocorridas em Montes Claros na década de 1930. Sua abordagem aqui se justifica pela forma como foi conduzida a pesquisa e também por privilegiar a década de 1960. As fontes utilizadas pelo autor são em sua maioria fontes oficiais, do executivo e legislativo local. Cartas enviadas entre os políticos locais, correspondências expedidas, correspondências recebidas, dentre elas abaixo assinados e solicitações dos moradores pobres de Montes Claros, além de alguns periódicos locais foram utilizados por Cardoso Junior. Mesmo recuando e abordando a partir da década de 1930, creio ser importante o trabalho de Cardoso Junior justamente porque ele traz para o “proscênio da história” sujeitos até então relegados por aqueles que escreveram sobre a região no período, mesmo que abordando somente a instância política.

se transformou. A implantação de indústrias inevitavelmente atraiu a população rural e de outras cidades, modificando a face da cidade e reconfigurando os hábitos culturais dos moradores.

Notamos que, à medida que a cidade crescia e deixava de ser o local ideal para se morar, a elite local, através da imprensa questionava o modelo desenvolvimentista implantado pelo governo federal. Com isso, a Sudene foi o ponto principal dos estudos, surgindo ao mesmo tempo como causa e solução dos problemas regionais.³ Desta forma, as pesquisas acadêmicas que tratam do Norte de Minas e de Montes Claros, em sua maioria, foram pensadas a partir da SUDENE. Portanto, a ênfase recaiu sobre o projeto, condicionando os sujeitos sociais e seus movimentos a dados estatísticos e números. A leitura destes trabalhos indica que a articulação de determinado grupo, amparado em um discurso regionalista, que associa o Norte de Minas ao Nordeste, foi o ponto chave para se conseguir que a região fosse integrada à Área de abrangência da SUDENE. A efetivação desse projeto e de outros igualmente importantes para a cidade e região – destacamos aqui a luta pela estadualização ou federalização da UNIMONTES, em muitos desses trabalhos são vistos como resultado da articulação da elite. Os movimentos sociais são apontados, porém, sua representatividade e sua força acabam sendo meramente ilustrativos em virtude do enfoque dado à atuação da elite (OLIVEIRA, 2000).⁴

Em 2007, temos a tese de doutorado de Laurindo Mékie Pereira, defendida na Universidade de São Paulo. **“Em nome da região, a serviço do capital: o regionalismo político norte-mineiro”**, traz para a discussão a formação da elite política do Norte de Minas enquanto classe. O autor, através de um vasto conjunto de fontes, defendeu ao longo dos três capítulos, a tese de que, a elite política do Norte de Minas, a partir de meados do século XX, organizou-se enquanto classe, tornando-se

³ No entanto, dois trabalhos fogem à regra e trazem para o “proscênio” da história sujeitos sociais até então relegados. PEREIRA, L. M. **A cidade do favor: Montes Claros em meados do século XX**. Montes Claros: Ed. Unimontes, 2002. 241 p. CARDOSO JUNIOR, E. F. **Experiência e poder na urbe em expansão: “cultura política popular” em Montes Claros/MG entre 1930 e 1964**. 205 f. Dissertação (Mestrado em História)-Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

⁴ Na perspectiva abordada pela autora os movimentos sociais, seja com os trabalhadores, seja com a atuação da ceb's, pastoral da terra e operária, professores, estudantes, sindicatos e associações são opacizados. O foco é a atuação da elite e a SUDENE. Sobre a luta pela estadualização ou federalização da Unimontes, ver: SOUZA, Andrey Lopes de. **Os estudantes movimentam a cidade: trajetórias, lutas e memórias do movimento estudantil em Montes Claros**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em História. Universidade Federal de Uberlândia, UFU, 2010. O autor aborda a importância da luta dos estudantes pela estadualização/federalização da Unimontes.

agentes ativos do processo desenvolvimentista da região. Momento que, segundo o autor, foi construída uma ideologia de classe compartilhada pela mídia, por intelectuais, professores, escritores, e que em fins do século XX transformou-se em hegemonia, adquirindo o status de senso comum e alcançando toda a sociedade (PEREIRA, 2007).

A tese de Pereira é um dos grandes trabalhos realizados sobre o Norte de Minas e Montes Claros no período em que nos propomos a pesquisar. Sua abordagem busca evidenciar o pensamento e o comportamento de uma elite em meio ao processo modernizador de Montes Claros e região. O autor analisa o papel dessa elite e suas estratégias de dominação. Dominação esta que acontece também por meio de uma memória oficial que perpetua valores em detrimento de outros. Ao fim, conclui que esta hegemonia não foi implantada e desenvolvida sem resistência. São essas “resistências” que buscamos analisar neste projeto.

O nosso objetivo, entre outros, é atentar para a importância de se abandonar o marco da SUDENE, e captar outros sujeitos, que não as lideranças políticas locais. Para tanto, é preciso compreender que em um momento de intensas transformações na sociedade, seja na dinâmica local, regional ou nacional, nós, enquanto historiadores comprometidos com o social, devemos assumir um posicionamento diante dessa sociedade. Temos, então, o desafio de “rejeitar uma historiografia acadêmica que se propõe como única versão autorizada dos acontecimentos”, produzindo a “invisibilidade e a inaudibilidade dos dissidentes (FNELON; PEIXOTO. 2005, p. 5-13)”.

Como já mencionamos, grande parte dos trabalhos elaborados sobre Montes Claros e o Norte de Minas procurou responder às questões sociais, privilegiando os significados da vinda da SUDENE para a região, e a articulação de diversos grupos para esse processo, notadamente uma elite regional. A leitura destes trabalhos, como já discutimos anteriormente, indica que a articulação de determinado grupo, amparado em um discurso regionalista que associa o Norte de Minas ao Nordeste, foi o ponto chave para se conseguir que a região fosse integrada à Área de abrangência da SUDENE. A efetivação desse projeto, bem como outros importantes para a cidade e região – destacamos aqui a luta pela estadualização ou federalização da UNIMONTES, em muitos desses trabalhos são vistos como resultado da articulação da elite. Os movimentos sociais são apontados, porém, sua representatividade e sua força acabam

sendo meramente ilustrativa em virtude do enfoque dado à atuação da elite (OLIVEIRA, 2000.)⁵

Este trabalho pretende discutir como que os diversos grupos sociais estavam se articulando na sociedade, mobilizando o povo e pressionando por melhorias na cidade e na região, tanto nas atividades das pastorais operárias dentro da igreja católica como nas associações de bairro. O contato com outras fontes que não foram utilizadas nessas pesquisas nos apontam para outra versão dos fatos, destacando outros grupos se organizando e tendo meios próprios de divulgar as suas ideias, o que aconteceu a partir de seus jornais. Essa idéia enfatiza que há uma luta em torno da memória e, como os diversos materiais produzidos expressam os valores de seus produtores, a visualização de materiais diferentes, produzidos por diversos grupos pode apontar essa disputa de memórias. Trazer outras memórias à tona, significa desestabilizar essa historiografia que, em suas escolhas teóricas e metodológicas deixaram de perceber um processo histórico maior, assumindo muitas vezes o discurso de algumas produções, notadamente a imprensa.

Portanto, é nosso objetivo específico encontrar esses sujeitos sociais nas várias instâncias de sua vida, seja nas suas associações de classe, na igreja, na luta diária por melhores condições de vida, enfatizando seus valores, suas esperanças, suas decepções. Como essas pessoas se articulam, como disputam espaços, e mais especificamente qual a relação desses sujeitos com a política institucionalizada através das lideranças políticas locais, como vereadores, secretários municipais, prefeitura. Nesse sentido, exploraremos mais de perto a relação construída entre as Associações de Bairros e pastorais de Montes Claros e essas lideranças.

Percebemos, através de uma análise dos documentos, que Montes Claros se apresenta como um local que agrega a organização de muitos movimentos sociais, daí sua importância para a região. Através dos periódicos da Ceb's do Norte de Minas está presente um projeto de sociedade. Acreditamos ser importante recuperar este projeto, estes sonhos e utopias, porque, e aqui corroboramos do que foi proposto por Déa

⁵ Na perspectiva abordada pela autora os movimentos sociais, seja com os trabalhadores, seja com a atuação da ceb's, pastoral da terra e operária, professores, estudantes, sindicatos e associações são opacizados. O foco é a atuação da elite e a SUDENE. Sobre a luta pela estadualização ou federalização da Unimontes, ver: SOUZA, Andrey Lopes de. **Os estudantes movimentam a cidade**: trajetórias, lutas e memórias do movimento estudantil em Montes Claros. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em História. Universidade Federal de Uberlândia, UFU, 2010. O autor aborda a importância da luta dos estudantes pela estadualização/federalização da Unimontes.

Fenelon, é necessário “tirar a história dos esquemas em que se aprisionou para conseguir compreender como formaram os esquemas de dominação e exploração e como se organizaram os homens para combatê-los”, isto significa que devemos olhar não somente para os avanços tecnológicos, mas para “os avanços alcançados na satisfação das necessidades coletivas (...), recuperando caminhadas, programas fracassados, derrotas e utopias (FENELON, 1985, p. 25)”.

No que diz respeito à utilização das fontes partilhamos do desafio proposto por Thompson, no sentido de buscar manter um diálogo constante com as mesmas. Um diálogo que seja capaz, como propõe Thompson, de compreender,

um debate entre, por um lado, conceitos ou hipóteses recebidos, inadequados ou ideologicamente informados, e, por outro, evidências recentes ou inconvenientes; a elaboração de novas hipóteses; o teste dessas hipóteses face às evidências, o que pode exigir o interrogatório das evidências existentes, mas de novas maneiras, ou uma renovada pesquisa para confirmar ou rejeitar as novas noções; a rejeição das hipóteses que não suportam tais provas e o aprimoramento ou revisão daquelas que a suportam, à luz desse ajuste. (THOMPSON, 1981, p. 54).

Acreditamos que, com esse conjunto de fontes, teremos condições de apreender um pouco da história, da memória e trajetórias dos múltiplos sujeitos, dos embates com as instâncias públicas em busca de melhorias para os bairros, vilas e distritos de Montes Claros. Será possível avaliar como a cidade foi e é vivida e disputada pelos diversos grupos sociais. No que tange a cidade procuramos abordá-la tendo como inspiração os textos de Déa Fenelon, que propõe um novo olhar para este espaço. É preciso percebê-la [a cidade] como um espaço múltiplo que comporta diferenças e que, portanto, “representa e constitui muito mais que o simples espaço de manipulação do poder”.

Nesta pesquisa a História Oral será uma importante aliada. Alguns referenciais tem nos servido de suporte, principalmente os textos de Alistair Thomson onde o autor discute as contribuições da História Oral. Concordamos com Thomson quando este reconhece que a História Oral é um instrumento capaz de desafiar e questionar toda uma memória oficial (THOMSON, 2002, p. 341-364). Para além das muitas críticas feitas à História Oral, acreditamos que ela contribui não apenas com a

preservação das informações, mas também para um maior entendimento histórico das experiências dos sujeitos, elemento caro a esta proposta.

Ainda com relação à História Oral nos servimos também dos inúmeros textos produzidos por Portelli, os quais têm sido fundamentais para o desenvolvimento de nossos trabalhos. As questões relativas à organização do tempo; a relação entre entrevistado e entrevistador, ou seja, o respeito, a confiança; a constante busca de sentido daquele que narra; a memória individual; a produção do texto; a questão da organização da narrativa que nos diz muito sobre os valores, sobre o que tem mais ou menos relevância para cada sujeito. Foram os textos de Portelli que nos orientaram, sempre atentando para as particularidades de cada entrevista, onde muitas vezes o silêncio diz mais que mil palavras, ou para os limites da História Oral, bem como as críticas feitas a ela, questões que não podemos ignorar. Nessa perspectiva, a História Oral não será utilizada para contar outra história, mas sim para perceber a dinâmica social em toda a sua complexidade, e como ressaltou Paulo Almeida, para estudar “experiências e memórias compartilhadas, divididas e contraditórias, em convívio e em confronto” (PORTELLI, 2002). Principalmente porque o nosso objetivo nesta pesquisa é, justamente, questionar uma memória autorizada, característica ainda muito forte em Montes Claros e em todo o Norte de Minas.

Nesse sentido, a discussão em torno da memória será um tema amplamente debatido por nós. Sobretudo, as questões referentes à memória oficial e as memórias dissidentes. Procuramos trabalhar a memória como um campo minado pelas disputas sociais, pela luta de classe. Por isso mesmo corroboramos da premissa de que “a memória é, por definição, um termo que chama a nossa atenção não para o passado, mas para a relação passado-presente. É porque o passado tem esta existência ativa no presente que é tão importante politicamente. (JOHNSON; DAWSON. 2005, p. 282-295)”

Este projeto tem como pressupostos as discussões fomentadas por teóricos advindos de uma tradição marxista, sejam historiadores ou sociólogos. Assim, os “estudos culturais marxistas”, desenvolvidos por E. P. Thompson, Stuart Hall, Raymond Williams, Richard Hoggart, dentre outros constituem um importante aporte teórico para este projeto. Por isso, escolhemos os pressupostos da História Social para nortear essa pesquisa. Em especial o conceito de experiência trabalhado por Thompson nos permite apreender as vivências de homens e mulheres, e como eles se constituem enquanto

sujeitos ao mesmo tempo em que constroem seus espaços. O desafio é, ressaltar Thompson,

passar dos circuitos do capital para o capitalismo; de um modo de produção altamente conceptualizado e abstrato, dentro do qual o determinismo surge como absoluto, para as determinações históricas como o exercício de pressões, como uma lógica do processo dentro de um processo maior. (THOMPSON, 1981, p. 181)

A proposta de Raymond Willians sobre a compreensão da cultura é também significativa. Willians propõe culturas, ao invés de cultura. Cultura, no plural, é compreendida enquanto “modos de viver”. Nesta perspectiva as narrativas podem ser compreendidas enquanto práticas culturais, haja vista que é através da linguagem que as pessoas compreendem a realidade em que vivem e nela interferem. Ao analisar o conceito de cultura Willians sugere que estes, os conceitos, devem ser encarados como “movimentos históricos ainda não definidos”, ou seja, todo conceito é um problema que deve ser analisado à luz do processo histórico.

As reflexões propostas por Thompson e Willians são complementadas com as considerações tecidas por Déa Thompson quanto ao entendimento das propostas de uma História Social, que como propõe a autora, deve acontecer de forma articulada: “trabalho, sociedade, classe, dominação e exploração, cotidiano, educação, família, religião”. Ou seja, é preciso ampliar a própria noção de política, é preciso compreender que história é política. Pensar essas articulações nos possibilita abranger todo o campo da luta de classes em suas múltiplas formas e instâncias, que vai desde a luta política organizada até as lutas específicas, que acontecem diariamente. A noção ampliada de política nos permite ir além dos partidos e dos processos eleitorais, para então compreendermos os propósitos, os objetivos e interesses por meio dos quais a sociedade é organizada e governada. (FENELON, 1984. p. 21-36)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALMEIDA, Paulo Roberto. “Cada um tem um sonho diferente”: Histórias e narrativas de trabalhadores no movimento de luta pela terra. *In*: MACIEL, Laura Antunes; (*et all*) **Outras Histórias: memórias e linguagens**. São Paulo: Olho d’água, 2006. p. 44-60.

_____. Encantos e desencantos da cidade: trajetórias, cultura e memória de trabalhadores pobres de Uberlândia – 1970-2000. *In*: FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; (*et all*) **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho d’água, 2005. p. 139-154.

_____. Os trabalhadores e a cidade: reflexões sobre o uso das fontes orais. *In*: PORTELLI, Alessandro; (*et all*). **Mundos dos trabalhadores, lutas e projetos: temas e perspectivas de investigação na historiografia contemporânea**. Cascavel: EDUNIOESTE, 2009, 140 p. (Tempos Históricos).

BRAGA, Maria Ângela Figueiredo. **Industrialização da área mineira da SUDENE**. Um estudo de caso: Montes Claros. Montes Claros: Editora Unimontes, 2008. 128 p.

CARDOSO JUNIOR, E. F. Experiência e poder na urbe em expansão: “cultura política popular” em Montes Claros/MG entre 1930 e 1964. 205 f. Dissertação (Mestrado em História)-Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

CHALHOUB, Sidney. Zadig e a história. *In*: **Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte**. São Paulo: 1990, p. 17-28.

CRUZ, Heloísa de Faria E. **São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana, 1890-1915**. São Paulo: EDUC, 2000.

FENELON Déa Ribeiro. Trabalho, cultura e história social: perspectivas de investigação. *In*: **Revista Projeto História**. São Paulo: EDUC, n.5, 1984.

_____. O Historiador e a cultura popular: história de classe ou história do povo? *In*: **História e perspectivas**. Uberlândia, n. 6, p. 5-23, jan/jun. 1992.

_____. (org.) Cidades. **Programa de Estudos Pós-Graduados em História**. Série Pesquisa em História. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/Olho D’água, 1999.

_____. *et all*. (org). **Muitas memórias, outras histórias**. *In*: **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho d’água, 2005, p. 5-13.

FERREIRA, Marcelo Valmor. Cidades de Porte Médio e Populismo: Montes Claros, um estudo de caso. Dissertação (Mestrado em História), FAFICH - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. *In: Mitos, emblemas e Sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 143-179.

HOBBSBAWM, Eric. Da História social à história da sociedade. *In: Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

JOHNSON, Richard. DAWSON, Graham. Memória Popular: Teoria, Política, Método. *In: FENELON, Dea Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; (et all) Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d'água, 2005. p. 282-295.

KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. *In: FENELON, Dea Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; (et all) Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d'água, 2005.

_____. O historiador, as fontes orais e a escrita da história. *In: MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto; KHOURY, Yara. (org.) Outras Histórias: memórias e linguagens*. São Paulo: Olho d'água, 2006, p. 22-43.

LEITE, Valéria de Jesus. **Os fios da vida: memórias e lutas de trabalhadores têxteis em Montes Claros/MG (1975-2008)**. 152 f. Dissertação (Mestrado em História) Centro de Ciências Humanas e Artes. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010.

MENDES, Leandro de Aquino. **“Povo de Deus” na política: Partido dos Trabalhadores e Igreja Católica em Montes Claros-MG na década de 1980**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em História. Universidade Federal de Uberlândia, UFU, 2010.

OLIVEIRA, Evelina Antunes Fernandes de. **Nova cidade, velha política: poder local e desenvolvimento na Área da Sudene**. Maceió: EDUFAL, 2000.

OLIVEIRA, Marcos Fábio Martins. O processo de formação e desenvolvimento de Montes Claros e da Área Mineira da SUDENE. *In: OLIVEIRA, M. F. M. (et all) Formação Social e Econômica do Norte de Minas*. Montes Claros: Unimontes, 2000, p. 13-103.

PEREIRA, L. M. **A cidade do favor: Montes Claros em meados do século XX**. Montes Claros: Ed. Unimontes, 2002.

PEREIRA, L. M. **Em nome da região, a serviço do capital**: o regionalismo político norte-mineiro. 2007. 242 f. Tese (Doutorado em História Econômica) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

PORTELLI, Alessandro. “O momento da minha vida”: funções do tempo na história oral. *In*: FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; *(et all)* **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho d’água, 2005. p. 296-313.

_____. As fronteiras da memória: o massacre das fossas ardeatinas. História, mito, rituais e símbolos. *In*: **História e Perspectivas**. Uberlândia, (25 e 26): 9-26, jul./dez. 2001/jan./jun. 2002. Cursos de História e Programa de Mestrado em História.

_____. História Oral e Memórias. Entrevista com Alessandro Portelli. *In*: **História e Perspectivas**. Uberlândia, (25 e 26), jul./dez. 2001/jan./jun. 2002. Cursos de História e Programa de Mestrado em História.

_____. O que faz a história oral diferente. Projeto História. São Paulo, nº14. **Programa de Pós-Graduação em História**, 1997.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena**. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

SILVA, Ângela M; PINHEIRO, Maria Salete; FRANÇA, Maira. **Guia para normalização de trabalhos técnicos-científicos**. Uberlândia: Edufu, 2008. 131 p.

SOUZA, Andrey Lopes de. **Os estudantes movimentam a cidade**: trajetórias, lutas e memórias do movimento estudantil em Montes Claros. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em História. Universidade Federal de Uberlândia, UFU, 2010.

TELLES, Vera da Silva. Mutações do Trabalho e experiência urbana. *In*: **Revista Tempo Social**. USP, vol 18, n. 1, p. 173-195.

THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa**: a maldição de adão. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v. 2, 1987.

_____. **A formação da classe operária inglesa**: árvore da liberdade. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v. 1, 1987.

_____. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1981.

_____. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos.** Campinas: UNICAMP, 2007.

_____. **Costumes em Comum.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMSON, Alistair. Histórias (co) movedoras: História Oral e estudos de migração. *In: Revista Brasileira de História.* São Paulo, v. 22, n. 44, pp. 341-364, 2002.

VELOSO, Cândida Maria Santos. **Outros modos de viver:** pobreza urbana em Montes Claros 1960 a 1980. 189 f. Dissertação (Mestrado em História) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores. 1979.